



TRIBUNA Livre

15
JUNHO
1957

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITORA: PAULO BARBOSA DE MACEDO DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA EGÍPTA REDACTOR: JOÃO BARBOSA DE MACEDO
COPIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO CARBONARIAS: Imprensa e Redacção: LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR III 5419 - AMARES

Iniciaram-se, ante-ontem, as Festas a Santo António, que decorrem com animação e entusiasmo

Hoje, às 15,30 horas, chega Sua Ex.ª Rev.ª ma o Senhor Bispo Auxiliar que será recebido em apoteose.

Amanhã:—concertos, jogo de futebol, ranchos, arraial, fogo de artifício e divertimentos diversos.

O momento é de euforia, o entusiasmo invadiu os corações, as almas elevam-se e as bocas cantam. Vem aí o Pastor, essa figura fidalga e nobre que conquistou a nossa Arquidiocese e que nos vai conceder uma honra grande e inesquecível. Traz consigo a verdade do Evangelho, a mensagem de Maria, a glória da Igreja.

Dá-nos a sua sim patia inconfundível, a sua graça profunda, o prestígio do seu Anel.

Pouco lhe podemos ofertar, mas esse pouco é bom: a nossa gratidão.

Gratidão perene, profunda e viva, como vivos de alegria estão os nossos corações, transbordante de afecto a nossa alma.

Gratidão que, quanto é verdadeira e franca, é a pétala mais fina, tirada da flor mais bela, roubada do jardim mais perfeito; que quando é de fé

é dádiva sublime de filho submisso e fiel.

O entusiasmo é filho do amor, amor incontido que brota à superfície, aflora aos lábios, expande-se e reflete-se; o nosso entusiasmo é por consequência grande, atinge as raias da emoção.

Não se subjugam a ela porque tem de se exteriorizar, é força incontida e incontível. Sua Ex.ª Reverendíssima o Senhor D. Francisco Maria da Silva, Bispo de Telmissus e auxiliar de Braga estará em breve entre nós.

A sua extrema generosidade concede-nos a grande honra de proferir o Sermão de Santo António, na Igreja Matriz, momentos antes da Procissão.

Mestre de oratória, vamos escutá-lo com enlevo, presentimos que o templo, embora grande, vai tornar-se pe-

queno.

A sua voz vai dirigir-se ao rebanho que moureja nestas terras fieis de entre Homem e Cávado, neste rincão que deu heróis e santos e ajudou a dilatar a fé e o império.

A sua voz vai alentiar a crença, fortalecer a fé e, quem sabe, criar novos cren-

tes.

Logo à noite, concerto, sessão de fogo de artifício e o esperado concurso de ranchos.

A noite de hoje deve trazer-nos a presença de muitos milhares de forasteiros que virão ver o arraial que se realiza no Largo do Dr. Oliveira Salazar como nota mais fidalga das Festas.

A Banda dos Bombeiros Voluntários de Amares, agora remoçada, dará concerto com algumas das melhores peças do seu repertório.

O fogo de artifício está en-

(Continua na 4.ª página)

HOJE

À noite, arraial com concerto, concurso de ranchos e sessão de fogo de artifício. Divertimentos de todo o género.



Aí estão as festas!

Estão a decorrer as Festas a Santo António. As dificuldades de ordem burocrática causaram à Comissão estorvos diversos que foram vencidos com compreensão e bom senso.

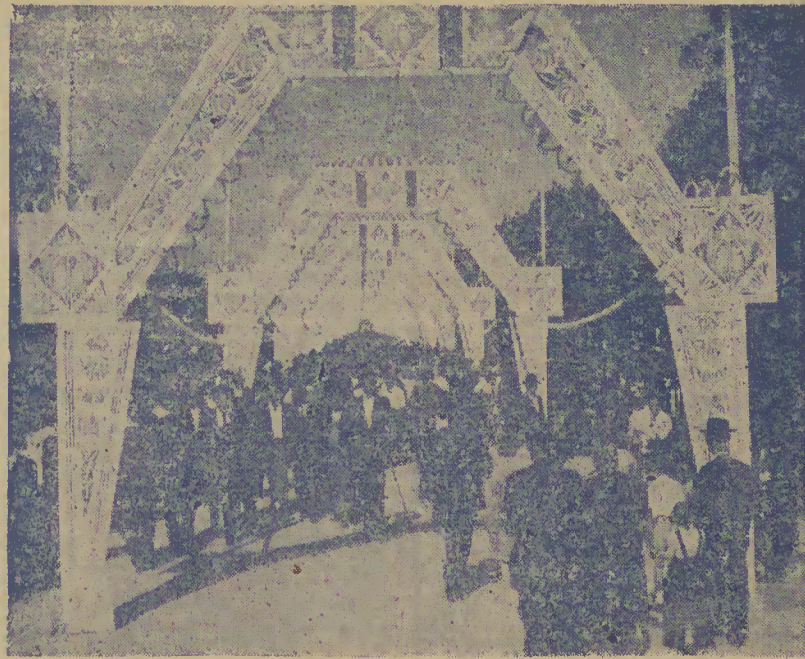
A licença para colocação das ornamentações exigiu novos e mais complicados moldes, mas finalmente chegou.

Todas essas dificuldades nunca deram lugar a apreensões. Sabemos do que é capaz a tempera bairrista da nossa gente.

O que criou certa efervescência foi a série de boatos que os "amigos da onça" andaram para aí a distribuir, papezinhos com recortes, etc.

Abusam dos lugares, dão largas a um mau humor que vem de larga data, pedem pancada e teriamos tanto que lhe dizer. A sua vida, os seus pecados, as suas contas...

Nós é que somos duma paciência evangélica.



Viagem Presidencial ao Brasil

III

Reflexões sobre o Descobrimento do Brasil

A 9 de Março, de 1500, partia do Restelo a segunda armada portuguesa com destino à Índia, chefiada por Pedro Álvares Cabral, composta de 13 barcos e na qual seguiam homens de envergadura como Bartolomeu Dias, o celebrado descobridor do Cabo da Boa Esperança, e, entré outros, o não menos célebre Duarte Pacheco Pereira, o grande «Aquiles Lusitano», cujo calcanhar os indianos jamais lograram descobrir e que em Cochim, à frente de uma escassa centena de portugueses, apenas com 3

barcos e alguns milhares de muito suspeitos naturais, conseguiu vencer, em sucessivas batalhas, forças terrestres e navais compostas por 100.000 homens servidos por 150 embarcações artelhadas! (não é exagero, nem gra-lha)

D. Manuel tinha posto em marcha o extraordinário e audacioso plano sonhado pelo Infante D. Henrique, inspirado nas Viagens de Marco Polo e que D. João II tão bem havia orientado do sentido de produzir os maravilhosos frutos das Des-

cobertas e Conquistas que já se estavam colhendo e os que a Índia e o Brasil, sobretudo, nos haviam de proporcionar.

Vasco da Gama mal tinha regressado ainda com as suas naus, da épica viagem do descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, e já El-Rei enviava uma outra expedição, bastante maior, capaz de fazer compreender aos reis orientais, especialmente ao Samorim (rei do mar) de Calecut, que se ha-

(Continua na 2.ª página)



Viagem Presidencial ao Brasil

(Continuação da primeira página)

via mostrado pouco compreendido para com a reduzida armada de Vasco da Gama, quanto era poderoso o Reino Luso.

O oriente continuava a ser o sonho dourado de Portugal e por ele se haviam já despresado os serviços de Colombo que, embora seguindo por caminhos errados, foi útil a Espanha; o facto de ter morrido convicto de ter descoberto a Índia com rumo ao ocidente, não anula a glória e proveito que usufruiu a nação espanhola com a sua grande descoberta, que poderia ter sido nossa!

Sabia-se que nessas terras das «Mil e Uma Noites» as riquezas abundavam e o estado adiantadíssimo da nossa navegação, permitia-nos alimentar, não só a esperança de lá chegar por um caminho marítimo nunca dantes navegado, mas até de ali fundar um grandioso império, como realmente foi.

D. Manuel, bem informado pelos seus homens de ciência, pléiade excepcional de portentos que desde há muito se vinha formando na Escola de Sagres e nas Caravelas da Ordem de Cristo, punha todas as esperanças na verdadeira Índia—não na que Colombo erradamente afirmava ter descoberto—e demonstrava todo o seu interesse nas solenidades e honrarias concedidas aos chefes das expedições.

Na segunda jornada de Cabral, com a primeira do Gama, o Monarca assistiu a todo o cerimonial civil e religioso; e ao ver largar as frotas que enviava a devastar o mundo, antevia já o seu regresso, cheio daquelas grandes notícias que o haviam de fazer «Rei Venturoso».

Nesta viagem destinada ao oriente, levava também Cabral a incumbência especial de se deslocar para ocidente, em descoberta de novas terras dentro dos limites da linha imposta pelo Tratado de Tordesilhas.

Conquanto uma companhia intencional, lançada pelos inimigos de Portugal com o fim de lhe diminuir os indumentados feitos, tivesse apontado como motivo desse desvio uma intempérie, e outros mesmo arriscassem o ingénuo argumento de erro de navegação—absurdo este numa frota onde, como dissemos, viajava um Bartolomeu Dias, um Duarte Pacheco, um Cabral, Nicolau Coelho, Pero Escobar e tantos outros experimentados homens do mar e da ciência náutica, cujos segredos nin-

guém conhecia como os portugueses!—o certo é que se prova inteiramente o contrário, por exemplo, na carta que, escrita pelo punho de Pero Vaz Caminha, escrivão da armada, Pedro Alvares Cabral fez chegar às mãos de D. Manuel a dar notícia da descoberta do Brasil, carta que foi desconhecida dos historiadores, durante muitos anos, por se ter perdido, o que daria motivo a opiniões tão baralhadas.

Acrescentaremos as palavras do castelhan Juan Martin, físico e mestre de reconhecida competência que acompanhava a expedição, e que foram as seguintes, também dirigidas ao nosso Monarca: «...quanto, Senhor, ao sítio desta terra, mande Vossa Alteza trazer um mapa-mundi que tem Pero Vaz Bisagudo e por aí poderá ver Vossa Alteza o sítio desta terra; mas a quele mapa-mundi não certifica se esta terra é habitada ou não; é mapa antigo e ali achará Vossa Alteza escrita também a Mina».

Ainda o referido Duarte Pacheco Pereira (o Aquiles Lusitano), grande cosmógrafo e não menos hábil navegador e cientista, aludiu à ordem dada pelo Soberano Português para navegar a ocidente, no célebre «Esmeraldo de Situ Orbis». Deve salientar-se que este grande herói da Índia, em 1494 tinha sido perito escolhido por D. João II para a conferência de que resultou o célebre tratado de Tordesilhas a que atrás aludimos, e a quem se atribui a honra de já em 1498 ter navegado com rumo ao ocidente, mandado por D. Manuel «além a grandeza do mar Oceano», descobrindo «uma grande terra firme com muitas grandes ilhas adjacentes», o que se afirma não ter sido desde logo revelado, por questões políticas, que se nos afiguram bem legítimas. E' considerado, com muita propriedade, o precursor de Cabral no reconhecimento de terras a ocidente.

São hoje conhecidos dados históricos irrefutáveis de que

Pedro Alvares Cabral fora encarregado da dupla missão de ir à Índia e ao mesmo tempo descobrir a ocidente as terras, se sabia já existiam.

Chegou a armada a Cabo Verde e, no dia seguinte, desgarrou o navio capitaneado por Vasco de Ataíde que, por esse motivo, não seguiu viagem e regressou a Lisboa; prosseguindo com rumo a oeste, no dia 22 descobriram as naus portuguesas terra firme: antes de se avistar terra, denotou a sua existência o aparecimento de aves marinhas; seguidamente viram os descobridores uma montanha arredondada, muito arborizada e de aspecto muito viçoso, a que Cabral deu o nome de Monte Pascoal, por se estar no oitavário da Páscoa.

Tinham os portugueses chegado a terras de Santa Cruz: ali desembarcaram pela primeira vez na Baía de Porto Seguro onde, extasiados, depararam com a luxuriante vegetação brasileira, ainda floresta virgem, povoada da mais variada flora, com o perfumado aroma das suas essências e as cores alacres da passarada, que a tornavam paradisiacamente bela; na praia espalhavam-se os indígenas, de alta estatura, cor bronzeada, completamente nus e alguns com diadema de plumagens variadas, porte altivo e por vezes desdenhoso; levados dois deles à presença de Cabral, que se achava rodeado por seus capitães, logo acenderam o cachimbo da hospitalidade (facho, como lhe chamou Pero Vaz de Caminha na sua carta a El-Rei); sendo-lhe chamada a atenção para objectos de ouro e prata, fizeram gesto de que na terra existiam estes metais, mas despresaram um carneiro e mostraram-se subsaltados ao avistar uma galinha e amigos para com o pagamento de bordo; não apreciaram os alimentos que lhe foram oferecidos (peixe, doces, passas e figos), nem mesmo o vinho, pelo qual mostraram certa repugnância; por fim adormeceram tranquilamente.

Foram muito amigáveis as relações travadas desde logo entre os nossos navegadores e os tupiniquins, como se chamavam estes gentios que começavam a dar os primeiros passos no caminho da civilização, os quais, ao som da «janubia», executavam danças sagradas, enquanto que os portugueses de ânimo mais folgazão, também dançavam acompanhados de seus instrumentos com a participação dos indígenas, que sabiam respear o ritmo de música. O almoxarife Diogo Dias, além de participar activamente nestas danças e ingénuos divertimentos em que exteriorizavam uns e outros a sua alegria,—sem dúvida a primeira manifestação do folclore brasileiro!—

também aquele português executou vários exercícios na areia, despertando grande admiração aos indígenas, especialmente, o «salto real». Desta forma, com gente tão bem humorada, como poderia deixar de sair da sua fusão uma raça que criou o Carnaval Brasileiro?! Mas nem sempre foi folgar!

Em um de Maio, sexta-feira, procedia-se, digamos, às cerimónias de baptismo do Brasil. Feita a Cruz Redentora com uma árvore que ali se derrubou para o efeito, padrão glorioso a assinalar o início da civilização brasileira, procedeu-se ao seu transporte para o local escolhido por Cabral, e, ao verem os gentios proceder a esta tarefa, logo se aprontaram para ajudar ao transporte; de sessenta ou oitenta que ali estavam no início, ao terminar já eram «150, ou mais».

Erguida a Cruz procedeu-se à celebração, por Frei Henrique, da histórica Missa do Brasil, na qual, cerca de 60 dos indígenas presentes, ajoelhavam ao ver fazê-lo os portugueses. Tocante cerimónia esta, a que os mais duros corações se abririam em comovida fé!

No dia 2 de Maio, depois de deixar assim assinalada a presença de Portugal no Brasil, Cabral seguiu com destino à Índia e mandou a caravela de Gaspar de Lemos levar a nova da descoberta ao Rei Venturoso, cuja narração se fazia em carta que lhe enviou, escrita pelo escrivão da armada Pero Vaz de Caminha a que já nos referimos, que soube interpretar com fina e aguda observação e algum chiste, estas cenas do Descobrimento do Brasil, cheias de ternura.

Apenas dois homens deixou Cabral nas terras descobertas, com os indígenas, para aprender deles os costumes e a língua, e vendo estes que ficavam ali desterrados em sítio tão selvagem, choraram copiosamente, enquanto que os indígenas, vendo-os assim lastimar-se, lhes mostravam mais uma vez a sua natural simpatia, procurando confortá-los.

Foi assim, logo desde a primeira hora, como que milagroso, o entendimento destes dois povos que nasceram para se unirem pela amizade, à sombra da Cruz que nunca abandonaram, antes foi sempre o seu orientador. Cruzeiro do Sul na vida íntima desta nova raça que se fundia e modelava pela nossa, assimilando-lhe a fé, o sangue, o génio, toda a sua civilização e cultura latina que a torna um dos povos de maior sensibilidade do mundo.

Ao narrar estes factos primitivos e cativantes da Descoberta do Brasil e ao recordar a projecção que tiveram na história das duas pátrias, estremecemos de comoção e verificamos que a pátina do tempo não consegue ofuscar-lhes o brilho, mas em lugar de lho diminuir, torna-o cada vez mais luminoso aos olhos do mundo, comunicando-lhes a preciosidade venerável do passado e a unção histórica das coisas patrióticas.

Um dos presentes que o Presidente da República Portuguesa ofereceu ao Chefe do Estado Brasileiro, foi um lindo e rico tapete com motivos da Descoberta, oferecimento que não poderia ser mais apropriado à exaltação patriótica, dos actos que constituíram, como já se disse, o cerimonial de baptismo do Brasil.

E M E

Segue no próximo número:

Aspectos da Colonização Brasileira.

CASEIRO
Precisa-se

competente, para fabricar uma boa quinta; pensão anual onze carros de cereais.

Lugar de Passos, 61

AMARES

Visado pela censura

CONDICÕES de assinatura

(pagamento adiantado)

Continente e Ilhas

Semestre . . . 25\$00
Ano . . . 50\$00

Ultramar e Brasil

(Por avião)

Semestre . . . 21\$00
Ano . . . 42\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 40\$00
Ano . . . 80\$00

Estrangeiro

(Por avião)

Semestre . . . 11\$50
Ano . . . 23\$00

(Via marítima)

Semestre . . . 60\$00
Ano . . . 120\$00

Anunciai na

«Tribuna Livre»

“David,, Cabeleireiro



Minha Senhora:

Este é o moderno

salão que deve

preferir.

Av. Marechal Gomes da Costa

N.º 754-2.º (com elevador)

BRAGA

TRIBUNA do CONCELHO

Para as Festas a Santo António

Na última semana em que a nossa subscrição está aberta, recebemos novos donativos a acrescentar àqueles que já havíamos recebido.

Um deles, da Sr.ª D. Isabel Calheiros de Abreu, vem-nos lembrar a figura benemérita de seu extremoso marido, benemerência que aquela veneranda

Senhora sustenta.

O sr. Frederico Machado Colona, há pouco chegado do Brasil, também nos ofereceu um valioso donativo. É sobremaneira digno de atenção o facto, por se tratar de uma pessoa que logo quis dar mostra do interesse pelos nossos problemas.

Nome dos inscritos:

Joaquim de Azevedo Macedo, Manaus.	300 cruzeiros
Manuel de Azevedo Coutinho, Rio de Janeiro	150\$00
António de Freitas, Lisboa	100\$00
António de Sepúlveda, Rio de Janeiro	500\$00
António Cerqueira, Porto	50\$00
Fernando Marques, Lisboa	100\$00
Felisberto Barbosa de Macedo, América	200\$00
Fernando A. de Almeida Rodrigues, Bissau.	100\$00
David da Silva	30\$00
José A. Ferreira Junior, Nova Iorque	100\$00
Américo José de Oliveira Arantes, Dornelas.	50\$00
Abílio da Cunha Alves, Lisboa	50\$00
Arnaldo Vieira de Faria, Dornelas	50\$00
Gualter Rodrigues, Rio de Janeiro	100\$00
Manuel José Antunes, Caldelas	100\$00
Frederico Machado Colona	500\$00
D. Isabel Calheiros de Abreu	200\$00

Amores Ainda sobre a Capela da Senhora da Paz

Ouve-se falar na construção da Capela da Senhora da Paz, no Monte da Santinha, desta vila.

Está visto que é de grande necessidade a efectivação da obra em causa, a qual muito concorrerá para o engrandecimento desta terra.

O local é propício; dele se avistam belos horizontes, em especial, os dois largos que formam a vila: o Largo Doutor Oliveira Salazar, ao longe, e o Largo D. Gualdim Pais, no seu sopé.

Recomenda-se uma visita ao alto do Monte da Santinha; só depois desta visita, todos os que a realizarem poderão dizer como o digo agora eu, que a construção de uma capela—a Capela da Senhora da Paz—se torna necessária no alto de tão lindo monte, que além da sua beleza e do ponto que nos oferece, para avistarmos as curiosidades da natureza, nos proporciona também ares agradáveis e frescos sem igual.

A referida capela, como já disse em tempos, numa coluna deste Semanário, havia tido o seu início como hoje se vê, por benemerência desta Terra, que faleceu, sem que pudesse acabar tão ansiada obra.

Bom seria que, já não digo um, mas alguns beneméritos contribuissem conforme as suas posses, para a conclusão da capela.

Como seria aprazível uma viagem ao cimo do Monte, por uma estrada a construir pela encosta, para admirar as curiosidades que os nossos olhos alcançam; como seria agradável passar umas tardes domin-

gueiras à sombra dos grandes penedos naturais, que, pelos esconderijos e corredores internos que apresentam, dão a perceber obras artificiais.

Parece-me que agora sempre não há esquecimento em levar avante um melhoramento, entre todos o melhor, para a nossa querida vila de Amores, e, sendo assim, em breve estaremos alerta para recolher donativos e dar início às obras.

Primeiro, a construção da capela, da estrada e ornamentação do local e depois uma festinha todos os anos, como aquela em S. Pedro e noutros pontos idênticos.

Porque se vai chamar Capela da Senhora da Paz? Consta-me que o tal benemerito que ia levar a efeito a sua construção, o fez cumprindo a promessa de Portugal não entrar em guerra ou em honra de Nossa Senhora da Paz para que esta proteja sempre o nosso País.

Quer seja assim ou quer não seja, o certo é que de qualquer maneira a referida capela deve ser construída. Consta-nos até que já há vários beneméritos a oferecer os seus préstimos tanto monetários como pessoais.

Oxalá que assim seja. Amarenses: mãos à obra e nada mais. Esperai que as pessoas convocadas para orientarem a obra vos batam à porta.

J. V.

Festa académica

No pretérito domingo realizou-se na freguesia de Cabreiros, conce-

lho de Braga, na propriedade da menina Maria do Céu Oliveira, uma festa de despedida do ano lectivo em curso, no qual tomou parte um grupo de estudantes amigos.

Devido à magnífica organização e à boa vontade da menina acima mencionada, e, ainda à camaradagem académica entre os convidados, a festa decorreu num ambiente agradabilíssimo deixando saudades quando atingiu o terminus.

Nestes poucos momentos de grande alegria, estiveram presentes três estudantes, do risonho Largo Dr. Oliveira Salazar «Feira Nova», os quais endereçam os mais sinceros parabéns à organizadora e aproveitam ainda a oportunidade para agradecer o bom acolhimento que lhes foi dispensado, por parte dos colegas e da amável Maria do Céu.

A. E. B.

Vida elegante

Aniversários

Quarta-feira — O menino João Alfredo Faria Vieira.

Quinta-feira — O Sr. Tomé Silvério Gonçalves de Macedo.

Sábado — A menina Maria Aida de Sousa Pinheiro, a Sr.ª D. Maria Rosa da Silva Dias e o Sr. Ulisses Walter da Silva

Haverá possibilidades de ter uma casa de espetáculos?

Sim, a meu parecer esta tão próspera vila é digna de uma casa de espetáculos, não luxuosa mas sim, modesta e acolhedora.

Não se pode, claro, pensar num edificio próprio, com máquina etc, não, isso viria a acarretar grandes despesas que se não podiam cobrir, mas sim num recinto adaptado onde um empresário exhibiria periodicamente as fi-tas.

Sim, embora fosse com um pouco de sacrificio, nós poderíamos, quanto mais não fosse, exhibir todos os 15 dias um filme. Mas para isso não basta a alma e o sacrificio da colaboração de alguns verdadeiros Feiranovenses.

Era necessário que todos compreendessem o encargo que teriam os responsáveis ao contratar uma empresa para exhibir os filmes.

Todo o seu esforço dependeria de nós e viria a fracassar se entre nós não houvesse alguns suficientemente bairristas que embora a tro-

co de umas horas de divertidamente não tivessem outro fim em vista senão o do engrandecimento da sua terra. Assim entre os outros pesaria a responsabilidade de, pela sua avareza, contribuir para o definhamento de uma obra que muita concorência poderia vir a dar à nossa Vila.

P. M. (júnior)

Posse do novo Chefe de Secção de Finanças

No passado sábado, tomou posse do cargo de chefe da Secção de Finanças deste concelho, o senhor Henrique Bessadas Gonçalves.

Foi transferido, a seu pedido, da Secção de Finanças do concelho de Porto Santo, Ilha da Madeira.

A posse foi muito concorrida, tendo assistido grande número de pessoas, bem como os funcionários de todas as repartições.

O auto foi lido pelo aspirante senhor Vieira, tendo em seguida usado da palavra, saudando o seu novo chefe, tendo o empossado agradecido as palavras que lhe foram dirigidas.

«Tribuna Livre», deseja ao novo chefe as maiores felicidades e facilidades no desempenho de tão espinhosa função.

O Folclore nas Festas a Santo António

Decorreu, com grande animação, o ensaio de preparação para o desfile dos ranchos, que logo à noite se exhibirão num estrado apropriado no Largo Dr. Oliveira Salazar e integrados nos festejos a Santo António.

Nada sabemos sobre os números que os ranchos das freguesias circunvizinhas apresentarão,

mas, afirmam-nos que as surpresas surgirão na hora precisa.

O grupo da Feira Nova, do qual já apreciamos alguns ensaios, exhibe-se duma maneira impecável, e, repetindo, afirmamos que só em confronto logo às 21 horas ver-se-ão as habilidades dos característicos e tradicionais grupos das outras povoações.

Movimento Judicial

Inventários orfanológicos

No dia 8 do corrente mês foram distribuídos, no Tribunal deste Julgado, inventários orfanológicos por morte de:

— Manuel Joaquim da Silva Fernandes e mulher Maria Rosa de Sousa, falecidos na freguesia de Goães, deste concelho, ele em 21 de Fevereiro

(Continua na 4.ª página)

HUMORISMO

NUMA manhã de Dezembro Zéquinha chega tarde à escola.

— Só agora? — increpa o mestre.

— O sr. professor, o caminho escorregava tanto que por cada passo que dava recuava dois.

— Ora essa! E como é que vieste aqui parar?

O rapaz percebeu que fora apanhado na mentira e respondeu:

— É que... depois de ver como era voltei-me de costas.

— * —

— Ó compadre, trago-lhe más novas. Aguenta-se com a sua filha que eu não a posso aturar. Amãhã vou-me embora.

— Co'a breca, tenha pena de mim. Não vê que estou a aturar sete da mesma raça?

CANTO DO CISNE

Ouviu-se no Rotary Clube de Braga

Um mavioso e sonoro «canto do cisne»,

Que, de quantos a inspiração traga,

Dará que pensar a quem como nós cismel!

Oh! como seria bem ditoso e belo,

Que um tal canto fosse aqui cantado!

E assim se acabaria esse duelo,

De quantos há na política—o mais s'tafado!

E M E

Tribuna de Vila Verde

(Continuação da 6.ª página)

são que lhe dão por expiada com a prisão preventiva sofrida, 1.500\$00 de imposto de justiça, ambos solidariamente na indemnização de 500\$00, incluindo os danos morais, a favor do ofendido Dias e em 2.000\$00 de procuradoria a favor do assistente.—Ainda o réu Rocha condenado na indemnização, incluindo os danos morais, de 500\$00 a cada um dos ofendidos José Maria de Sousa, e Pires da Silva. O réu Luiz Novo, foi absolvido.

Obras Camarárias

Começaram já as obras de regularização de guias nos canteiros da Vila o que prova a boa vontade da nossa idilidade em regularizar o campo da feira, sala de visitas do concelho.

E já agora que estamos com a mão na massa, lembramos à Ex.ª Câmara, o arranjo do Fontenário de granito e principalmente o seu tanque por ser um autêntico viveiro de mosquitos devido ao seu estado de porcaria e, mormente, para que certos notívagos não vão ali fazer e satisfazer as suas

necessidades como se aquilo fosse uma retrete pública, atentando contra a saúde da população.

Não seria útil desmontar o tanque, agora que não é obrigatório ter água?

Parece-nos ser o melhor caminho para acabar de vez com aquela porcaria.

Aí fica o alvitre, aliás de todos os moradores da parte nascente da Vila, quem de direito.

Banda Marcial de Vila Verde

No próximo domingo, desloca-se à Vila de Amares, para dar um concerto com a banda da Policia do Porto, a Banda Marcial desta Vila, que ali vai abrilhantar as tradicionais festas de Santo António, daquela ridente Vila.

Vila Verde, vai deslocar-se em cheio à Vila de Amares, já por que vai acompanhar a sua afamada Banda e ainda por que vai mostrar ao vizinho concelho, o carinho e intercambio que une os dois povos amigos.

D.

Visado pela censura

Sol da nossa Terra

Em pleno azul do céu vejo-te enfim brilhar
O' sol que há tanto tempo andavas escondido!
Ofuscavam-te o brilho, em doído galopar,
As nuvens que guiava o vento enfurecido.

E penso mesmo até que tu também sentisses
A nostalgia lá de tão formosa terra,
Das fontes de cristal, dos montes e plantcies,
De tantas seduções que em si ciosa encerra!

E para vê-la então, mais deslumbrante ainda
Surgiste; e o meu olhar, sedento de delícias,
Em recatado extase, a planura infinda
Abarca neste instante em ancias de carícias!

Espalha assim sempre teus raios luminosos
Sobre esta nossa terra e de Santa Maria...
Sazona-lhe os trigais e os frutos generosos
E manda a cada lar o pão de cada dia.

UERBA

Pensão do Eirado

DE **José Maria Antunes**

Quartos para vários preços, instalações modernas e quarto de banho, etc.



Telefone 65132

Termas de Caldelas

Festas a Santo António

(Continuação da 1.ª página)

regue a dois fogueteiros que certamente tudo farão para se honrarem e honrarem as festas.

Mas o número que está a despertar entusiasmo e deve despertar o interesse geral é o concurso entre os ranchos que será a participação de vários agrupamentos do género, sempre cativantes pelos seus trages e gentileza das nossas moçoilas.

A freguesia mãe das Festas vai apresentar também o seu agrupamento que se prepara afincadamente para poder, se possível e merecidamente, fazer com que o prémio fique entre nós. Graciosidade não falta às gentis componentes do nosso rancho, pena é, mesmo, que o júri não repare só nesse predicado. Mas não pode ser e de resto as outras feguesias também trazem as suas belezas cheias de vida, folgor e aspirações.

Por tudo, a noite de hoje deve ser admirável e fica a perdurar como lembrança das melhores.

Os concertos entre as Bandas de Vila Verde e da Policia do Porto são aguardados com ansiedade

Dos muitos números que peenchem o programa das Festas para amanhã, o dia grande por excelência, o dos concertos entre a banda da Policia e de Vila Verde é, sem dúvida, um número que causa ansiedade.

Todos sabemos do carinho com que Vila Verde vê e adora o seu conjunto musical e todos sabemos também, por ser de justiça indesmentível, que esse agrupamento atingiu larga fama e projecção considerando-o uns a melhor Banda civil do norte e outros das melhores Bandas do norte.

Ora a Banda da Policia, abstraindo das Bandas regimentais, é o melhor conjunto nortenho de Bandas para-Militares.

Poderá dizer-se que Vila Verde joga mais perto do seu ambiente, no entanto, como isto não é futebol não tem influência.

O que se quer é que os arbitos sejam bons e justos.

F. C. de Amares—S. C. da Maria da Fonte

Às dezasseis horas do domingo, no Campo de jogos Luiz Calheiros de Abreu, realiza-se um jogo entre o Grupo local e o Maria da Fonte para disputa da «Taça José Manuel de Macedo».

Os jogos entre estes dois agrupamentos são sempre interessantes, dada a rivalidade existente, rivalidade saudável e justa.

Ambos os grupos farão o possível por alinhar o melhor possível na procura de um triunfo que lhe daria uma bela recordação.

Sessão de fogo de artifício

De noite teremos a segunda

sessão de fogo de artifício a cargo dos dois pirotécnicos da região.

Número atraente de que o povo gosta e que fecha de maneira vistosa as Festas.

Além dos números cuja enumeração se faz individualmente, há também aqueles que não estando no programa ou dele não fazendo parte contribuem para o brilhantismo das Festas para não dizer até que são a verdadeira causa e a alma das Festas.

Por todo o Largo os carros, pistas, barracas diversas, criam o movimento, dão vida e animam o ambiente.

As ornamentações estão magnificas seguindo uma tradição que se mantém de preparar a avenida principal de maneira vistosa.

A Igreja, iluminada à primor, dá-nos um espectáculo magnifico a que a sua posição muito ajuda.

Este ano e, devido à visita do sr. Bispo Auxiliar, a ornamentação é maior já que, quanto a iluminação não é possível fazer melhor.

Pelo concelho

(Continuação da 3.ª página)

de 1932 e ela em 15 de Dezembro de 1953;

—Júlia de Jesus Azevedo, casada com José Joaquim Caldas, que foi do lugar do Outeiro freguesia de Dornelas, deste concelho onde faleceu em 31 de Maio de 1957.

—Teresa de Jesus Fernandes, viúva de Manuel Adelino da Rocha, que foi do lugar de Paradela de Trades, Bouro (Santa Maria), onde faleceu em 29 de Maio de 1957;

Transgressões

Foram enviados ao tribunal, os seguintes processos de transgressão:

Contra Manuel Cardoso, casa-

Automóvel-Morris Minor

Vende-se

Em bom estado de conservação

Informa-se nesta redacção

do, jornalista, do lugar do Outeiro, freguesia de Ferreiros, por deixar andar a vaguear na via pública, livremente, solto e sem acaime um animal de raça canina;

Contra Abílio de Jesus de Sousa, casado, do lugar de Seramil de Baixo, Seramil, por ter deixado três animais de raça bovina pastarem numa propriedade de Adelaide Esteves;

Contra Adelaide Maria da Conceição, casada, negociante, do lugar do Pilar-Fiscal, por ter comprado, para revender, laranjas na feira desta localidade, antes da hora regulamentar.

Contra António Joaquim Ferreira, casado, negociante, também do Pilar-Fiscal, por ter comprado na feira desta localidade, laranjas para revender, antes da hora regulamentar.

Falecimentos

No freguesia de Santa Marta—A Sr.ª Silvéria de Jesus Pereira, com 52 anos de idade, no passado dia 25 do mês findo e a Senhora Rosalina Gonçalves, com 90 anos de idade, no passado dia 1 do corrente;

Na freguesia de Caldelas —O Senhor António Antunes de Araújo, com 64 anos, no passado dia 28, do mês findo;

Na freguesia da Torre—O Senhor João Soares da Rocha, com 81 anos de idade, no passado dia 28 do mês findo;

Na freguesia de Bouro—A Senhora Tereza de Jesus Fernandes, com 80 anos de idade, no passado dia 29 do mês findo;

Na freguesia de Sequeiros a Senhora Maria de Purificação Exposta, com 75 anos de idade, no passado dia 28 do mês findo;

Na freguesia de Dornelas —A Senhora Júlia de Jesus de Azevedo, com 70 anos de idade, no passado dia 31 do mês findo.

VINHO

Vende-se

doze pipas no lugar de Passos, 61

AMARES

Companhia de Seguros "ATLAS,"

Efectua seguros em todos os ramos
No seu próprio interesse consulte as condições que esta acreditada companhia lhe oferece, por intermédio do seu agente nesta Vila Sr. Manuel Gonçalves da Silva.

Efectue hoje mesmo, os seus seguros

Recordações de uma excursão

Os funcionários desta Vila realizaram nos dias 9 e 10 do corrente, o seu anunciado passeio do qual vamos transmitir ao papel algumas notas, poucas, embora, por falta de espaço e de engenho.

A viagem tomou a direcção do norte, ao raiar do dia 9 com visita às barragens de Caniçada Salamonde, e Vila Nova. Das três barragens a que oferece melhor espectáculo visual é, sem dúvida, a primeira com um cenário deslumbrante e talvez único no género. Vila Nova apresenta a novidade da sua central ser à superfície oferecendo ainda a transição das águas do Rio Rabagão para o Cávado o que permite o seu imediato aproveitamento na barragem seguinte que é a de Salamonde.

A Caravana tomou depois o caminho de Montalegre presenciando uma região das mais atrasadas do país, com insignificantes densidade populacional e com uma produção agrícola baseada no centeio e algumas batatas, o que permite o espectáculo de enormes espaços de um amarelo agradável e vistoso a que o vento empresta, por vezes, uma ondulação interessante. Aqui e ali surgem casas da Junta de Colonização Interna a dizerem-nos que o Estado se interessa pelo desenvolvimento desta região.

Dali até Chaves o panorama só sofre a modificação que lhe emprestam os grandes batatais e abundância de castanheiros, acompanhados pela já referidas cimenteiras de centeio serpenteados por más estradas. A entrada da cidade de Chaves apresenta um lindo es-

pectáculo com a sua veiga irrigada pelo Tamega. A cidade tem regular aspecto com algumas boas construções. Têm fama o seu presunto e as alheiras e a água fervente que brota sem qualquer ajuda do homem e custa a beber de tão quente.

Servido o almoço, a tarde do dia 9 levou-nos até Vila Real com passagem por Vidago, Pedras Salgadas e Vila Pouca de Aguiar.

Vidago, o rival do Gerez, apresenta como nota dominante o seu "Vidago Palace" e Pedras Salgadas vários hotéis e pensões, por entre parques bem tratados.

As estradas são agora boas e a passagem alegre. Essa alegria devia contagiar os componentes da caravana graças a duas histórias do Vieira, uma das quais anunciou tempestade. Estávamos, porém, perto de Vila Real, a terra do Carvalho Araújo e tudo amainou.

A Capital de Trás-os-Montes é airosa e das terras que melhor temos visto servida de edifícios para repartições. Ao centro o monumento ao filho dilecto, Carvalho Araújo o comandante de um caçaminhas que na grande guerra se comportou heroicamente que mereceu estas palavras do comandante do submarino alemão que o venceu:

"Tenho de confessar que o ataque foi feito pelo caçaminhas com um brio e uma tenacidade nunca observados nos outros inimigos e que a valentia com que esse navio se arrojou sobre o meu submarino me provocou admiração".

Também em Vila Real nas-

ceu Diogo Cão que vai ter um monumento no Bairro Novo.

Na manhã do dia 10 tomaram os excursionistas o caminho da Regua. Surge a região dos vinhedos. Policromia única sem paralelo possível. Beleza que empolga e extasia num cenário que parece ser um quadro com a assinatura de Miguel Angelo.

A regua é dominada pela Casa do Douro mas o Hospital de D. Luiz I e a Associação das Bonbeiros tem edifícios de bom porte.

No caminho da Regua a Amarante deparou-se nos um troço de estrada verdadeiramente intolerável, a estrada Baião-Amarante. Incrível que não proibam o trânsito numa via que tem a largura dos caminhos vicinais, serpenteia por entre abismos sem conta, desce numa cadência proibida. Pelo menos aos carros grandes. Espectáculo dan-tesco que nada tem com o belo-horrível dos poetas.

Amarante, a terra das lérias, dos papos de anjo, das brisas do Tamega e de S. Gonçalo, embora com um certo aroma a «rotarismo» serviu-nos um vinho delicioso. O minhoto que passeia gosta muito de dizer que o maduro «lhe cai melhor», mas quando lhe dão do «verdinho bonzinho» perde-lhe a medida... embora o chapéu neste caso não tenha figurino.

S. Gonçalo, o patrono das velhas, teve muitos pedidos das novas e a petição não deve ser indeferida, pelo menos «inlimine» porquanto ao jantar já se brindou pela feliz conclusão dos idílios começados.

Penafiel a cidade que tem muitas Igrejas e muita oposição, o Sameiro de Penafiel e o mo-

numento a Egas Moniz, de quem Camões disse:

«Determina de dar a dô-ce vida.

A troco da palavra mal cumprida».

Uma breve passagem pelo Monte da Assunção, onde se venera Nossa Senhora da Assunção, uma vista pelo panora-

ma deslumbrante e estávamos em Santo Tirso, a Vila desafogada e linda que a todos encanta.

Jantar, mais uma etapa por caminhos já muito conhecidos e a chegada à terra dos laranjais floridos, fartos vestidos com doirado véu.

As pedras são sementes

(No lançamento das 1. as pedras do Centro Social de Gondarém)

Todo o comêço é força em movimento!
E Deus, ó sim, no rasgo primitivo
Que fez do nada o universo vivo,
Foi também Força e mais: foi Pensamento!

E foi Beleza e Luz e Sentimento,
Senão o sol não era o sol altivo,
Nem o mar era o mar, manso e agressivo,
Nem o fôgo era fôgo, e o vento vento!

Ó três vezes bendita a fôrça que viceja!...
Quando Deus quer—e Deus quer que assim seja—,
As pedras são sementes que também

Germinam e dão flores e que dão cheiro
Ai as flores, flores das pedras do Sameiro,
De Fátima, de Alcobaça e de Belém!...

Vila Verde, Maio de 1957

Fausto Feio

ALFAIATARIA "BELCORTE"

DE

José Eduardo Macedo Gonçalves

Confecciona fatos para **HOMEM, SENHORA e CRIANÇA**
CORTE ESMERADO e ÓPTIMOS ACABAMENTOS

PREÇOS MÓDICOS

Não se esqueça: ALFAIATARIA "BELCORTE"

LARGO DR. OLIVEIRA SALAZAR—AMARES

Folhetim da "Tribuna Livre,, 25

SEMPRE NOIVOS

(Recordação do Minho—Usos e costumes)

Por Porfírio de Sousa

Escolhe tu essa feliz data que ficará assinalada nos anais do nosso amor.

—Estamos em Maio, se a folhinha não estiver errada.

—As vezes, por azar, é capaz de estar...

—Quanto ao dia da nossa suprema felicidade, escolhe-o tu!

—Quanto à folhinha julgo que está certa.

Como temos de tomar conta da quinta do Vale no S. Miguel e como me dás a preferência da escolha, vamos marcar o nosso casamento para o dia 9 de Agosto.

—Ainda tão distante...

—Eu morro de saudades por um beijo teu!

—É preciso preparar as coisas e isso leva o seu tempo!

Quanto a morrer não morres por que os meus beijos contém a vitalina "vital" e eu, em vez de um, vou dar-te um cento.

—Tem juízo, que já tens idade para isso!

Só podes dar quantos quizeres, quando fores meu marido.

E agora diz-me:

Porque é que escolhes o dia nove de Agosto para o nosso casamento?

—E' que no dia 10 é a festa de S. Lourenço, aqui na freguesia e eu quero assistir a ela na tua companhia, mas já como minha mulher.

—Está bem; está explicado o mistério...

—E eu estou e estarei, sempre, de acordo contigo.

—Se assim procederes sempre, tornas-te, ainda, mais linda, se é possível.

—Depois já não me interessa ser linda!

—O que dizes?!

—O que ouviste!

—Porque é que não te interessa?

—Porque já és meu!

—Mas interessa-me a mim.

—Porquê?

—Porque quanto mais linda fores, mais feliz me considero.

—Ah! sim?!

Isso é verdade?

—Como dois e dois serem quatro!

—Ah! então espera!

Como eu gosto sempre de te ver feliz até vou envidar todos os esforços para realçar a beleza que dizes ver em mim...

—Mereces um beijo.

—Só um?!

—Um cento, um milhar!...

—Ah! isso é outro cantar!

—E vou principiar a dar-tos.

—Agora?!

—Sim!

—Bem digo eu que não estás bom da cabeça.

Parecias-me um rapaz tão ajuizado...

—Então quando é que posso principiar a beijar-te?

—No dia 9 de Agosto, depois de ser tua mulher.

Nessa ocasião podes dar um cento, um milhar, um milhão se te apetecer... e eu reservo o direito, desde já, de te dar o dobro!...

—E não receias uma indigestão?

—Não, descansa!

—Tanto melhor.

E, agora, deixas-me expor-te o meu plano?

—Continua...

—No dia 15 de Agosto vamos à romaria da Abadia.

—Ai que bom!

E pagas-me lá os doces?

—Todos os que quizeres e com imenso prazer, meu amor.

—Isso dizes agora, mas quando fôr tua mulher; mandas que os compre eu!

(Continua)

MONOGRAFIA DO CONCELHO DE AMARES

Por Domingos M. da Silva

(Continuação do número anterior)

Nota 6.a—O Adm.or desta época é o Morgado da Salvadoura de Goens, Francisco de Azevedo e Sousa, e o Escrivão é João Manuel Rodrigues de Barbosa da villa de Ponte do Lima.

Nota 7.a—Dizem que os Mesarios do Senhor do Monte, alem de obterem a Portaria do Governo para a tirada do Orgão, recorrerão a Roma pedindo licença ao SS.mo Padre, e este a concedera com condição dos mesarios ficarem obrigados pelo cofre do Sanctuario a fazerem reconduzir o dito Orgão para a Igreja de Bouro, e a colloca-lo no seu competente lugar e à custa do m.mo Cofre, se algum dia os Frades voltarem ao convento e reclamarem o Orgão.

Nota 8.a—Assim a Parochia, que é composta do Reitor José Fernandes de Almeida, Presidente, e membros Bernardo José Ribeiro, e António José Rodrigues da Thomada, e aquelle do Enxido; e bem assim os povos da freguesia, mostrarão-se tranquilos à tirada do Orgão, porém nenhum contracto fizerão local ou por escripto com os mesarios do Senhor do Monte, que suposto se obrigarão à mandada do Realejo do Senhor do Monte para a Igreja desta freg.ª e a compor a cornija, e tapar a estuque o local donde foi extrahido o orgão, contudo não foi porque p.ª isto houvesse contracto, mas sim um offerecimento espontâneo dos mesarios.

Nota 9.a—No dia 14 de hoje de 8.tbro de 1853 continua o Organeiro e Carpinteiros do Senhor do Monte a desfazer as organizações e mais utensilios do Orgão, e as mesmas 10 mulheres voltarão e conduzirão mais guarnições douradas da dito Orgão.

Neste mesmo dia 14 foi concluida a deslocação do Orgão, ficando simplismente o coreto e gradario a elle pertencente, por os mesarios do Senhor do Monte o dispensarem, e dizem que para ali não era necessário.

Nota 10.a—No dia 15 de 8.tbro de 1853 vierão mais oito carros conduzir o resto dos utensilios pertencentes ao Orgão, e neste mesmo dia marchou o Organeiro para o Bom Jesus do Monte.

Nota 11.a—Todos os carros que conduzirão as peggas do Orgão vierão de S. Paio de Pousada a pedido do Reitor Luis Maximo, e por devoção fizerão a condução desta freg.ª para S. Paio de Pousada, e ao outro dia p.ª o Senhor do Monte, o que me foi comunicado por um dos carreteiros.

Assim pois ficou Bouro sem um rico traste, que o Organeiro disse não fora posto no local donde sahio por nada menos de 11 a 12 contos de reis; e que em vista do estado em que se achava, os mesarios terião de gastar p.ª o consertar e colocar na Egreja do Senhor do Monte, nada menos de 5 mil cruzados.

Nota 12.a—O orgão desloçado e mudado para o Senhor do Monte, continha 38 registos de mão, 19 da mão direita e 19 da mão esquerda; continha mais um registo do pé esquerdo para abrir a Palhetaria; 3 tambores—o 1.º do tom de Alamirè—o 2.º de Do e o 3.º de C sol flauta. Mais continha do [pé] esquerdo hum registo de abrir o cheio do Orgão.

(Continua no próximo número)



Convento de Bouro

Tribuna de VILA VERDE

Carta escrita pelo Snr. Dr. António Ribeiro Guimarães, ao Snr. Dir. do Jornal «O Século»

Li no Jornal que V.ª Ex.ª tão dignamente dirige, datado do dia 19 do passado, uma local sôbre a situação aflitiva em que vivem as Bandas de Musica espalhadas por este País e que procuram angustiosamente sobreviver a uma época de baixo egoismo e materialismo desenfriado.

Existe uma Sociedade de Educação e Recreio criada aqui no coração do Minho, que aproveitando a inclinação natural dos trabalhadores rurais os deseja instruir e cultivar, procurando ao mesmo tempo retirá-los dos lugares onde a sua moral e a sua saúde os possam prejudicar—as tabernas e o vício.

Vila Verde é um centro restritamente rural sem fábricas, sem comércio importante, assim, sem os Organismo Officiais protectores desta classe de trabalhadores. Habitua-dos a, de sol a sol, com enxada nos suas calejadas mãos, ajoeiraram as terras que dão o pão, a ouvirem constantemente o chilrear das aves, o murmúrio cantante das águas dos seus rios e regatos e os cantos longuíquos das moças, suas companheiras das pesadas lides, estes trabalhadores tem natural, íntima e ancestral tendência para a arte dos sons. E assim é, que sollicitam muitas vezes das pessoas de nível social superior o seu apoio para organizar disciplinada e artisticamente a sua tendência natural, perdendo noites, horas de repouso tão merecido a aprenderem solfejo e instruírem-se num instrumento musical para, com a sua Banda, assim formada, executarem nas festas e romarias, tão características do nosso Minho, e a trôco duns magros palácios, as obras musicais que, com tanto sacrificio, foram ensaiadas nas tempestuosas noites do longo inverno, para alegrarem, nessa ocasião, os outros companheiros das pesadas tarefas de to-

dos os dias.

Dirijo, Snr. Director, com um grupo de homens compreensíveis e dotados de um grande espírito de sacrificio, uma dessas organizações. É a Sociedade de Educação e Recreio do concelho de Vila Verde.

Dentro dessa Sociedade; existem, uma Banda de Música, composta de 42 executantes; ranchos folclóricos; teatro popular; Zés Pereiras Reizadas e outras modalidades de carácter artistico.

Mas se V.ª Ex.ª, Snr. Director, pudesse avaliar o sacrificio que é necessário para manter viva esta Sociedade, procurando aprefeiçoá-la de cada vez mais, concluiria que o artigo do Jornal que V.ª Ex.ª tão dignamente dirige, além da oportunidade em que foi escripto, foi para nós um estímulo por termos a certeza que a grande Imprensa do nosso País não esquece os que, desinteressadamente, trabalham para a cultura e para a elevação do nível moral dos que nada tem.

É em nome da Sociedade de Educação e Recreio que agradeço as justas palavras escriptas nesse grande Jornal que servindo de estímulo para o nosso esforço são de justiça para aqueles que trabalham desinteressadamente para procurar a nobilitação dos trabalhadores desprotegidos da nossa terra.

Julgamento

No tribunal desta comarca prosseguiu, no passado dia 5, o julgamento dos reus Manuel das Neves Rocha, José das Neves Sousa e Luiz Neves que são acusados, respectivamente de furto receptador e comprador de objectos de ouro, subtraídos ao Senhor Francisco Fernandes Dias, comerciante em Portela do Vade.

A constituição do tribunal foi a mesma da sessão anterior.

Depuseram as restantes testemunhas de acusação que, como as primeiras, pouco adiantaram limitando a dizer que o réu Neves Sousa vendia os seus géneros mais baratos que os outros comerciantes da Portela.

As testemunhas de defesa, abonaram o bom comportamento anterior dos réus.

Foi então dada a palavra ao Senhor Dr. Catalão, advogado da parte, que fundamentou a forma como o furto vinha sendo feito com pericia e inteligência há 6 anos pelo que o queixoso, segundo a confissão do réu, computava o furto em mais de 100 contos.

Falou em seguida o Senhor Dr. Jaime de Lemos, que

disse: o Sr. Dr. Catalão, accusou os réus com lealdade e galhardia, mas não concordam com o quantitativo, pois seriam precisos dois mil escudos por mês para que o meu contribuinte pudesse fazer um furto dessa quantia, e isso daria nas vistas de toda a gente, por que em 6 anos, o meu constituinte haveria de fazer uma vida cara o que não se verificou.

Há mais Snrs. Juizes: Alega-se que o furto vem sendo praticado há 6 anos quando é certo que a queixa é só de Novembro e Dezembro e só a calculo se verificou o montante de 100 contos.

Foi então dada a palavra o Senhor Dr. António Costa que num arrasado cheio de eloquência, disse: Foi procurado para aceitar esta procuração e disse que não, por que não aceito causas desta natureza. Mas fui procurado pela familia do réu que se fazia acompanhado de um padre meu amigo que me pôs ao corrente do caso e então, aceitei. Aceitei e aqui estou muito satisfeito por que não considero o meu constituinte um criminoso de má fé.

E para aprovar a minha asserção quero informar o Douto tribunal que o meu constituinte confessou ter comprado ao Rocha, artigos no valor de 5.000\$00 importância esta que entregou e mais 13 contos em mercadorias, com a condição de não ser encomodado. Por que entregou este dinheiro?

Entregou este dinheiro, M. os Juizes, e até entregava 20 contos para não ir para Tribunal. E mais adiante: Nas declarações iniciais do processo não se fez menção do que se diz posteriormente e isso é prova evidente de que o meu constituinte daria tudo para não ser encomodado, por que tinha comprado impensadamente, pelo que podia uma leve pena para o seu constituinte.

Falou por último o Senhor Dr. Alexandre Amorim, que disse: O meu constituinte, o réu Luiz Novo, comprou 2 pulseiras ao réu Rocha, mas foi de boa mente e isso constituiu uma operação legal por ser essa a sua profissão de ourives ambulante, pelo que pesso a absolvição do réu.

A sentença

Pelas 18,30 horas, foi lida a sentença que condena o réu Manuel das Neves Rocha, em 13 meses de prisão, levando-se em conta a detenção já sofrida, e 100 dias de multa a 30\$00 por dia, no mínimo de imposto de Justiça (1.000\$00) e 500\$00 para o defensor officioso. O réu José das Neves Sousa, na pena de dois meses de pri-

(Continua na 4.ª página)